

## RESENHA

---

**BOSI**, Alfredo. *A escrita e os excluídos*. Em *Literatura e Resistência*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002 (Ensaio)

Resenhado por Katiane Régis Pereira Martins\*

*A escrita e os excluídos* é um dos ensaios que se encontra na obra intitulada *Literatura e resistência* de Alfredo Bosi. Inicialmente Bosi expõe no ensaio que existem duas maneiras de avaliar a relação entre a escrita e os excluídos. A primeira refere-se à prática dos historiadores de literatura em ver o excluído social ou o marginalizado como *objeto da escrita*. E objeto aqui está relacionado a temas, personagens, situações narrativas, ou seja, é a prática, exercida pelos escritores, de colocar em suas obras tipos sociais marginalizados. Para citar alguns autores que trazem em seus textos esses tipos sociais, Bosi cita *O Cortiço* de Aluísio Azevedo, *Caboclos* de Valdomiro Silveira.

No que diz respeito à segunda maneira de lidar com a relação entre o excluído e a escrita, Bosi aponta para a análise do homem oposto ao homem sem letras, ou seja, analisar o excluído enquanto sujeito do processo simbólico. E diz mais, que essa busca tem origens românticas que datam do início do século XIX.

A Europa pós-napoleônica foi a Europa das nações e do despertar dos povos, pois foi nesse período que não só alemães, mas também eruditos de todos os países começaram a mostrar as riquezas da memória e da linguagem popular.

No Brasil, Bosi enfatiza que muitos autores, dentre eles: José de Alencar, Juvenal Galeno, Celso de Magalhães, Couto de Magalhães, Sílvio Romero, para não citar outros, fizeram levantamentos e transcrições de materiais de base que mostravam a relação entre os agentes da cultura não-letrada, e a palavra oral, pois o imaginário popular se exprimiu, durante séculos, abaixo da fronteira da escrita. Em conjunto o que se pode dizer é que ocorreu no dizer de Bosi, uma verdadeira *operação de passagem*, pela qual o letrado brasileiro foi

---

\* Pós-graduada em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Evangélica Cristo Rei – FECR. Graduada em Letras português pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI. (katyregismartins@hotmail.com) Tel.: (86) 9 9924-9770.

incorporando ao repertório do leitor culto os signos e as imagens de um estilo de vida interiorano, rústico e pobre, valorizando estética e moralmente as tradições populares.

Bosi atenta-se a desenvolver apenas uma vertente da segunda maneira de ver a relação entre o excluído e a escrita. E parte da hipótese de que é possível identificar, na dinâmica dos valores vividos em contextos de pobreza, certas motivações que levem à atividade social da leitura e da escrita, buscando com isso descobrir o leitor-escritor potencial. E indaga: como o excluído entra no circuito de uma cultura cuja forma privilegiada é a letra de fôrma?

Para responder a essa pergunta Bosi faz referência a uma experiência vivida por ele ao longo dos anos setenta com um grupo de operários de Osasco, periferia de São Paulo. Bosi situa a situação historicamente e política do Brasil, o qual passava pela fase da ditadura militar, dentre outros acontecimentos que muito influenciaram na população e nos intelectuais da época e de épocas posteriores. Ele faz essa citação temporal, para poder expor o quão era difícil para os intelectuais, que haviam exercido algum tipo de militância antes de 64, exporem abertamente suas ideias e propostas.

Aborda que por volta do ano de 1972, foi participar de um encontro que estava acontecendo na periferia de Osasco, porém chegando ao local, deparou-se com alguns adolescentes que buscavam ter acesso à cultura letrada, isso em torno de dois militantes: um francês, Pe. Dominique Barbé, e um nordestino, Pe. Manuel Retumba, ambos conhecedores das mazelas da sociedade paulista.

Bosi, à medida que conhecia aquelas pessoas, foi percebendo que elas lutavam pela construção de um sindicato digno, engajado, e sentiam a necessidade de uma formação que desse à sua militância um alicerce histórico, político e filosófico.

Por fim conclui-se que Bosi ajudou os operários na busca incessante da criação de uma militância sindical, porquanto eles buscavam ter acesso à cultura a qual foram excluídos pelo sistema escolar brasileiro, que como já exposto tinha relação com o ato de saber ler e escrever, porém não só isso, os operários queriam ser letrados, ou seja, queriam ter a capacidade de ler e poder compreender e opinar sobre aquilo que era lido. Partindo disso, eles poderiam ter acesso a diversos meios de conhecimento e caso tivessem alguma dúvida com relação a algo, eles mesmos poderiam ir em busca de respostas.

Nesta obra, Alfredo Bosi, de maneira memorialística e ao mesmo tempo clara, expõe algumas de suas vivências marcantes. Transmitindo abertamente para os leitores, como se

sentia um professor restrito à universidade, que como o próprio aborda, sentia-se preso dentro de um casulo, no entanto como ansiava ir além em seus estudos decidiu seguir os ensinamentos dos padres Dominique Barbé, e Manuel Retumba, e com eles procurou mudar a realidade de muitos jovens da cidade de Osasco.